

utilidade para quem quiser travar conhecimento com a cultura sul-rio-grandense. A título unicamente de informação, gostaríamos de lembrar que um dos melhores trabalhos de viajantes estrangeiros sobre o sul do Brasil — o de Avé-Lallemant, citado na bibliografia apenas na edição original alemã de 1859, já pode ser encontrado em nossa língua, em tradução de Teodoro Cabral, editado pelo Instituto Nacional do Livro (Ministério de Educação). Igualmente o clássico livro do Visconde de São Leopoldo (“Anais da Província de São Pedro”) aparece citado apenas na edição original, de acesso difícil, quando existe reedição recente e acessível (entre outras coisas por ser de preço mínimo) feita também pelo Instituto Nacional do Livro. O mesmo acontece com a “Viagem ao Rio Grande do Sul” de Saint-Hilaire. Está citada na bibliografia a tradução de Leonam de Azeredo Pena editada por Ariel em 1935, em comemoração do centenário farroupilha. Conviria lembrar que a mesma tradução foi reeditada pela Companhia Editora Nacional (na coleção “Brasília-na”) em 1942, justamente por ter-se esgotado aquela edição da Ariel. A esta última, portanto, é que qualquer interessado ainda poderá recorrer se tiver interesse em adquirir a obra.

Embora o organizador da bibliografia tenha justificado o não ter feito obra completa, algumas lacunas, entretanto, nos parecem graves, sobretudo por se tratar de obras que se tornaram clássicas: a “História das missões” de Aurélio Pôrto; o livro de Sepp sobre as missões jesuíticas, “Os bandeirantes no Rio Grande do Sul”, do Padre Jäger, as “Notas sobre o Brasil” de Luckock (foi citado apenas o pequeno volume “Aspectos sul-rio-grandenses”, que é extraído daquele livro; sabemos bem que nesse “extrato” está tudo o que se refere ao Rio Grande do Sul na obra do curioso comerciante e viajante inglês; mas uma bibliografia correta faria referência a esse pormenor...).

Não sabemos — repetimos — se a série de conferências organizada pela Faculdade de Filosofia de Pôrto Alegre teve prosseguimento. Entretanto, o apêlo que o diretor da instituição dirigiu aos professores de sua escola no prefácio deste primeiro volume dos “Fundamentos da cultura rio-grandense” é desses que não podem ficar sem resposta e muito teríamos a lamentar se dificuldades de ordem material surgissem a impedir o cumprimento do programa tão bem idealizado.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* * *

CORRESPONDÊNCIA DE CAPISTRANO DE ABREU. — Edição organizada e prefaciada por José Honório Rodrigues, vol. III. Instituto Nacional do Livro (Ministério da Educação e Cultura). Rio de Janeiro, 1956, 321 pp.

O Instituto Nacional do Livro dando prosseguimento à importante tarefa de editar obras de grande valor, acaba de publicar mais um volume da preciosa correspondência de Capistrano de Abreu. Organizou e prefaciou este volume, como já o fizera com os dois outros, aparecidos em 1954, o historiador José Honório Rodrigues.

Neste terceiro volume, encontram-se várias cartas dirigidas por Capistrano a diversas pessoas (até p. 99) e algumas respostas enviadas ao historiador (de p. 103 à p. 266).

Como nas cartas anteriores, revela-se ainda uma vez, a rica personalidade do nosso grande historiador, a sua seriedade de pesquisador, o seu bom humor de homem sem vaidades, a sua sensibilidade e inteligência. Esta *Correspondência* é uma das mais ricas fontes para uma biografia de Capistrano e o Sr. José Honório Rodrigues encontra-se agora na obrigação de publicá-la, pois, como diz (p. IX), já tem escritas mais de 100 páginas de um trabalho sobre Capistrano.

Este, bom caboclo, retrata-se em pequenas reflexões que envia a amigos. Ele, que criou o vocábulo tão rico de significação que é *transoceanismo*; êle, que recorreu sempre aos arquivos europeus e que sempre estava a par da literatura européica, nunca revelou desejo de ir ao estrangeiro. A Europa, considerava-a como uma *tapera* (p. 87, carta a Martim Francisco) e nem mesmo ao Prata quis ir, quando alguém o convidou para essa viagem. Não perdia, porém, ocasião de conhecer sua terra. Referindo-se a Domicio da Gama, dizia: “Não entendo aquêle amigo, para quem, segundo parece, Paris é um vício de que êle não sabe se emancipar” (p. 15). Bem brasileiro, Em da nossa maneira de criticar os políticos, dizia ainda, em carta de 1917, ao militar Luís Sombra: “Desde que sobreviveu ao Hermes, o Brasil não pode ser perdido. Ser salvo e ficar direito ainda é mais difícil. Venha quem vier...” (p. 38). Irreverente, referia-se às cartas da filha que fôra para o convento. Causara-lhe, esta decisão da filha, um profundo abatimento, como se vê pelas cartas publicadas nos dois primeiros tomos da *Correspondência*. Nunca a esqueceu, porém. Mas, o espírito de Macunaima que habitava no nosso historiador, era irresistível. A Luís Sombra pedia que lhe enviasse colheres de chifre, das que se fabricavam no Ceará para mandá-las ao convento. Em uma das cartas, assim escrevia ao amigo: “Nunca pus os pés no convento e, enquanto estiver de juízo perfeito, lá não irei”. A filha freira, escrevia-lhe às vêzes, “umas cartas estereis que se limitam a dizer que nunca imaginou pudesse ser tão feliz, e Deus *über alles*”. “Não sentirei muito a falta (*das cartas*), acrescentava, as dela como as de não sei quem limitam-se a: peguei na pena porque não tinha que fazer e faço ponto porque não tenho que dizer” (carta a Luís Sombra, maio, 1917, p. 39).

Nessa mesma carta, referia-se à revolução russa e dizia que a mesma era “um enigma. O governo provisório pensa apenas em revolução horizontal; creio que a revolução será vertical e levará muito tempo antes de arrefecer” (p. 39). E que enorme soma de reflexões históricas sugestivas, encontramos nessas cartas despreziosas e, por vêzes, descuidadas! “Não podia escrever sobre a Independência porque não a entendo”, dizia a Martim Francisco (p. 89).

Das cartas recebidas, as mais interessantes são as de Said Ali, as de Martim Francisco (que defende ainda os seus antepassados como se êles acabassem de ser atacados por algum jornal da oposição) e as de João Lúcio de Azevedo, pessimistas e indiscretas.

E’ mais um importante livro de história, pois, que acaba de ser publicado. O Instituto Nacional do Livro e o historiador José Honório Rodrigues prestam, assim, mais um grande serviço aos estudiosos de história nacional.

J. CRUZ COSTA

* * *